



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA DE FÁTIMA DE M. SILVA

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ANÁLOGO À *INTERNET*: UM ESTUDO  
REALIZADO COM BASE NA DISCRIMINAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NO  
*INSTAGRAM***

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2023

MARIA DE FÁTIMA DE M. SILVA

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ANÁLOGO À *INTERNET*: UM ESTUDO  
REALIZADO COM BASE NA DISCRIMINAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NO  
*INSTAGRAM***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

ORIENTADORA: Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier

CATOLÉ DO ROCHA

2023

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas

S586p Silva, Maria de Fatima de Moura.  
O preconceito linguístico análogo à *internet*: um estudo realizado com base na discriminação linguística presente no *Instagram*. [manuscrito] / Maria de Fatima de Moura Silva. - 2023.  
44 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Preconceito linguístico. 2. Rede social . 3. Usuários. I. Título

21. ed. CDD 410

MARIA DE FÁTIMA DE M. SILVA

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ANÁLOGO À *INTERNET*: UM ESTUDO  
REALIZADO COM BASE NA DISCRIMINAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NO  
*INSTAGRAM***

Aprovada em 30 / 11 / 2023

**BANCA EXAMINADORA**

Keila Lairiny Câmara Xavier  
Orientadora: Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier  
UEPB - CCHA/DLH

Rafael José de Melo  
Examinador: Prof. Dr. Rafael José de Melo  
UEPB - CCHA/DLH

Jairo Bezerra Silva  
Examinador: Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva  
UEPB - CCHA/DLH

*Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre fizeram o máximo para que eu pudesse me dedicar somente aos estudos, no decorrer de minha vida. Sinto-me orgulhosa, por ser filha de vocês.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por nunca ter me deixado desistir, mesmo quando esse sonho parecia ser algo distante da minha realidade.

Aos meus pais, Maria Aparecida de Moura Silva e Ananias Dionísio da Silva Filho, por acreditarem na minha capacidade de conquistar um futuro promissor, me fornecerem todo apoio afetivo e financeiro que precisei ao longo desses anos de graduação. Sei que enquanto vocês existirem, eu nunca estarei só, e sempre terei um lugar para onde voltar.

Aos meus irmãos, Thyago Emanuel, Filipe Kauã e Ana Clara, pelo ombro amigo e por vibrarem pelas minhas vitórias e conquistas, amo vocês, contem sempre comigo.

Ao meu namorado, Vaniele Silva, por ter me apoiado, ter sido amigo e suporte nos momentos difíceis até aqui.

A minha orientadora, Profa. Ma. Keila Lairiny, pela orientação e compreensão que teve comigo durante essa jornada tão importante na minha vida acadêmica e profissional.

Aos professores do curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que fizeram parte do meu processo de crescimento profissional, do Campus IV, em especial, a Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, por ter me apresentado o autor Marcos Bagno, e por todo carinho. Sinto uma enorme admiração por você; ao Prof. Dr. Jairo Bezerra, por ter sido mais que um professor durante esses anos, e por enxergar o meu potencial, nunca vou esquecer de todas as palavras e conselhos que já me deu; ao Prof. Dr. Edivan Nunes, por todo apoio que sempre me ofereceu durante toda a graduação e pelo vínculo de amizade criado, sou muito grata pelas inúmeras coisas que já fez por mim e meus amigos; a Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, por toda orientação, e por ter se tornado um exemplo de profissional para mim, almejo, um dia, conseguir ser pelo menos metade do que você é; a Irmão Neto, por toda paciência e carinho comigo; a Sandra, por todo carinho e zelo transmitido para os estudantes de Letras.

À Kátia, por toda cumplicidade, risos tirados nos dias difíceis e por sempre me ouvir. Você tem um lugar especial em minha vida.

Às minhas amigas, que sempre me forneceram apoio, carinho e compreensão, não só na graduação, mais também no decorrer da minha vida, Caliane Severo, Nadja Scarlatt e Roberta Coelho.

Por fim, aos meus tão queridos amigos do apartamento 203, Amanda Kelle, Gisele Alves, João Victor Lourenço e Lohana Vivian, que tornaram todo esse processo mais fácil e

divertido. Sem vocês, tudo teria sido mais complicado e difícil de suportar. Obrigada por todos os conselhos, risadas, choros compartilhados, passeios e inúmeros momentos vividos junto a vocês. Nunca vou esquecer da importância que vocês tiveram (e têm) em minha vida. Ouso dizer que vocês se tornaram minha família também. Torço demais pelo sucesso de cada um e sei que vão conquistar tudo que almejam, e eu vou está aqui para aplaudir.

*“Uma receita de bolo não é um bolo,  
o molde de um vestido,  
não é um vestido  
um mapa-múndi não é o mundo...  
Também a gramática não é a língua”*

## RESUMO

Pretende-se com essa pesquisa, analisar a maneira como o preconceito linguístico vem ocupando um espaço, cada vez maior, na sociedade, possibilitando, assim, até a imigração dessa ação da vida real para, também, o mundo virtual. Esse objetivo teve seu ponto de partida, ao refletir sobre o preconceito que uma participante, Larissa Santos, de um programa de televisão, “Big Brother Brasil”, sofreu durante sua participação no mesmo. O comportamento preconceituoso dos demais participantes com a mesma, desencadeou uma série de ataques de usuários de uma rede social, chamada *Instagram*, que chamaram bastante atenção e despertaram, dessa forma, um olhar crítico e reflexivo acerca dessas ações. Partindo deste fato, houve o surgimento de uma pergunta que norteou essa pesquisa: Como os usuários da rede social *Instagram* reagem perante a variação linguística? Para que pudessemos chegar a uma resposta concreta, além de dados da própria rede social, que expõem comentários dos usuários acerca do assunto, foram utilizados como métodos, a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Dessa forma, seguimos uma ordem de atividades metodológicas, que teve como ponto de partida o estudo teórico, acerca do preconceito linguístico. Em seguida, o levantamento de dados, utilizando como principal ferramenta a rede social *Instagram*. Como terceiro passo, expomos a análise elaborada com base nos dados obtidos. O resultado da pesquisa foi relevante, mostrando que vem servir de instrumento de discussão para áreas como a Educação básica, além de se tornar material de estudo acadêmico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito linguístico; rede social; usuários.

## **ABSTRACT**

The aim of this research is to analyze the way in which linguistic prejudice has been occupying an increasing space in society, thus enabling the immigration of this action from real life to the virtual world as well. This objective had its starting point when reflecting on the prejudice that a participant, Larissa Santos, of a television program, Big Brother Brazil, suffered during her participation in it. The prejudiced behavior of the other participants with it triggered a series of attacks by users of a social network, called Instragram, which drew a lot of attention and thus aroused a critical and reflective look at these actions. Based on this fact, a question arose that guided this research: how do users of the social network Instragram react to linguistic variation? In order to arrive at a concrete answer, in addition to data from the social network itself that expose users' comments on the subject, the qualitative bibliographic research was used as methods. In this way, we followed an order of methodological activities that had as its starting point the theoretical study, about linguistic prejudice, then the data collection, using the social network Instragram as the main tool, as the third step, we expose the analysis elaborated based on the data obtained. The result of the research was relevant, showing that it serves as an instrument of discussion for areas such as Basic Education, in addition to becoming material for academic study.

**KEY-WORDS:** Linguistic bias; social network; Users.

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 01 Exemplos de enunciados “errados”

28

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Ex-participante do BBB, Larissa Santos	33
FIGURA 02	Prints do diálogo entre “Cara de Sapato” e Larissa Santos	34
FIGURA 03	Print da página Choquei	35
FIGURA 04	Diálogo entre Fred e Larissa Santos	36
FIGURA 05	Pronúncia de Juliette no <i>Twitter</i>	37
FIGURA 06	Comentários de usuários	38
FIGURA 07	Comentários de usuários II	39
FIGURA 08	Comentários de usuários	40
FIGURA 09	Comentários dos usuários III	42
FIGURA 10	Comentários dos usuários IV	42
FIGURA 11	Comentários dos usuários V	42

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>2</b>	<b>PRECONCEITO LINGUÍSTICO: SUAS REAIS CONSEQUÊNCIAS PRESENTES NA REDE SOCIAL <i>INSTAGRAM</i></b>	18
2.1	DEMARCANDO A SOCIOLINGUÍSTICA	18
2.2	O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	20
2.3	NÃO É “CERTO” FALAR ASSIM!	25
2.4	O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	30
<b>3</b>	<b>ERRADO É O SEU PRECONCEITO LINGUÍSTICO</b>	33
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	44
	<b>REFERÊNCIAS</b>	46

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que possui diversas regiões, com características específicas na cultura, religião, etnias e em outros aspectos, isso está, também, justificado pelo próprio processo de miscigenação do povo brasileiro, que aconteceu com o contato do índio, africano e europeu, gerando um povo diverso em variados aspectos, sobretudo, nas formas de manifestações linguísticas.

Com a língua, não poderia ser diferente, pode-se afirmar que o país vive uma verdadeira pluralidade linguística, ou seja, não podemos e nem devemos classificar a Língua Portuguesa falada pelos brasileiros, como unitária e homogênea. Mesmo diante desse conhecimento, muitas vezes, refletimos sobre o conceito de língua, sobretudo, na Educação Básica, apenas com base na prescrição gramatical, estabelecida pela gramática normativa e ensinada por meio de manuais linguísticos, que deixam de lado o real funcionamento da Língua, uma vez que a mesma possui mais de duzentas variações em nosso país.

Tendo conhecimento dessa heterogeneidade linguística, é visto, então, a presença de um sistema linguístico, formado por diversas “línguas” que, juntas, formam inúmeras variações da Língua Portuguesa. Um exemplo disso, são os sotaques e dialetos que variam de acordo com a região ou, até mesmo, com o grupo social que a língua se insere. Contudo, de acordo com os preceitos da gramática normativa, todos os falantes desses dialetos, que pertencem a essas variações, são classificados como usuários do português não padrão, ou seja, aqueles que não sabem falar português “corretamente”.

Nesse sentido, apesar da Constituição Federal de 1988, afirmar em suas linhas, que todos os indivíduos são iguais perante a lei, o uso da língua materna tem sido motivo de exclusão para os falantes que não dominam a norma culta padrão. Assim, cabe refletir: será que existe algum falante da Língua Portuguesa que obedeça aos preceitos da gramática normativa? E a resposta é NÃO. A discriminação pela língua é, acima de tudo, um processo de construção social e econômica que, além de atingir outros setores da vida social do falante, influencia diretamente na língua. Com isso, Marcos Bagno (1999, p.27) expõe que:

[...] se é verdade que no Brasil a língua falada pela grande maioria da população é o português brasileiro (...) esse mesmo português brasileiro apresenta *um alto grau de diversidade e variabilidade*, não só por causa da grande extensão territorial do país (...), mas principalmente por causa da trágica injustiça social que fazia do Brasil, em 2006, o oitavo país com a pior distribuição de renda do mundo [...] (Bagno, 1999, p.27)

São essas relevantes desigualdades de poder socioeconômico que deixam explícitas, em nosso país, o que podemos chamar de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades estigmatizadas do português brasileiro e os falantes das variedades tidas como privilegiadas. Levando em consideração as colocações feitas até o presente momento, nossa pesquisa busca analisar o comportamento dos usuários de uma das maiores redes sociais da internet: o *Instagram*, e a relação entre a linguagem presente nesse espaço, tendo como principal ferramenta de análise *posts* das páginas “Choquei” e “Foquei”, que ofendem e denigrem a imagem da EX-BBB e professora Larissa Santos, seguindo o que Bagno (2015) nomeia de “preconceito linguístico”. Com base nisso, fizemos fazer uma análise acerca dos comentários dos usuários em *posts* dessa rede social, que deixam claro a presença do preconceito linguístico no *Instagram*.

Pessoalmente, o que instigou essa pesquisa foi ver o grande número de pessoas que ainda permanecem com a ideia de que brasileiro não sabe falar português e, voltado para o meio social, a forma como as pessoas julgam umas às outras, por falarem uma norma não padrão da língua, chegando a causar até o “cancelamento”, (espécie de linchamento virtual, que um grupo de pessoas se reúne nas redes sociais para criticar alguém, por ter expressado determinada opinião, ou por ter agido em desacordo com o politicamente correto.), de um usuário ou de uma pessoa que venha a aparecer de, alguma maneira, nesse meio social de comunicação que, como já citado acima, é o exemplo da EX-BBB Nordestina e professora, Larissa Santos.

Com o intuito de apresentar um norte para aqueles que buscam estudar esse assunto academicamente e/ou profissionalmente, essa monografia procura evidenciar as problemáticas que perpassam as ações preconceituosas presentes nessa rede social, por isso, esse trabalho contribui para essa discussão. Além disso, existe uma direta afinidade com a Educação Básica, sendo essa a etapa que os discentes têm o primeiro contato com o ensino de Sociolinguística, ser o ponto de partida para discussões acadêmicas e ajudar a expandir o conhecimento dos leitores acerca desse tema ainda pouco debatido, que é o preconceito linguístico.

Desse modo, analisamos como acontece o preconceito linguístico e a discriminação pela linguagem no meio midiático “*Instagram*”, uma vez que os usuários dessa rede social, têm total liberdade para expressarem suas opiniões e de qualquer maneira. Além disso, faz-se importante refletir sobre os discursos de ódio que esses membros proferem uns com os outros e quais são as consequências que essas ações causam na vida real dessas pessoas, isso, tendo em vista que estamos vivenciando a cultura do cancelamento. É, também, imprescindível

perquirir qual é o papel do professor perante esse tipo de situação, já que a escola tem a maior parcela de participação na educação na vida dessas pessoas.

Em consideração aos questionamentos apresentados, nossa pesquisa tem o seguinte objetivo geral: analisar a dinâmica do preconceito linguístico no *Instagram*, na página “Foquei”, que possui comentários sobre a fala da Ex-BBB Nordestina e professora, Larissa Santos. Diante do nosso objetivo geral, elencamos alguns outros específicos: é notório que os indivíduos que fazem uso desse meio de comunicação, ainda seguem um modelo idealizado de língua, sendo esse aquele que encontramos nos manuais de gramáticas, desconsiderando o uso real da língua. Especificamente, é indispensável refletir sobre o que essas atitudes preconceituosas ocasionam na vida do próximo, além de expor o papel do professor como educador nesse contexto, já que Marcos Bagno (2015, p. 26) reflete que “[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse [...] a língua comum a todos os mais de 200 milhões de brasileiros [...]”. Assim, torna-se de suma importância pontuar esses objetivos.

Sabido desses questionamentos e objetivos, para desenvolver essa monografia, faremos, primeiramente, um estudo teórico sobre os conceitos relevantes para a sociolinguística e para o nosso estudo, especificadamente, sobre o preconceito linguístico. Em seguida, iremos desenvolver o levantamento dos dados para identificação e aferição das situações em que demonstram o uso da linguagem na rede social e o como os usuários reagem a esses “erros de português. Com tudo isso analisado, foi dado início ao desdobramento das análises, expondo as possíveis reflexões sobre os diferentes efeitos de tais situações. Perante todos os fatos descritos acima, é possível observar que esta monografia estuda um fenômeno social, logo, foi utilizado a forma de pesquisa qualitativa.

Para o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa, nos basearemos nos seguintes teóricos: Marcos Bagno (1999), que reflete sobre o preconceito linguístico, desmistificando ideias que alguns falantes têm acerca do Português; José Fiorin (2009), que analisa qual a relação entre língua, discurso e política; e a autora Irlandé Antunes (2003) com sua obra *Aula de Português*, que discorre sobre como é realizado o ensino de língua portuguesa nas escolas e o que pode ser melhorado para que haja um maior aproveitamento do mesmo.

Por fim, pautando-nos em teóricos que estudam o viés da Sociolinguística, iremos analisar dados da rede social “*Instagram*” na qual o preconceito linguístico se sobressai. Apesar de nos encontrarmos em pleno século XXI e o assunto “preconceito” ser algo bem pautado em todos os ambientes sociais, seja no trabalho, escola, em casa ou outros, o preconceito com os falantes da norma não padrão, ainda é algo pouco comentado e que

necessita de uma atenção maior. Assim, com o intuito de colaborar com a expansão desse assunto, esse estudo conta com os seguintes passos: preconceito linguístico: suas reais consequências presentes na rede social *Instagram*; demarcando a Sociolinguística; o preconceito linguístico; não é “certo” falar assim! O ensino de Língua Portuguesa no Brasil; Errado é o seu preconceito linguístico; Considerações finais e referências.

## **2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: SUAS REAIS CONSEQUÊNCIAS PRESENTES NA REDE SOCIAL *INSTAGRAM***

É preciso saber que, assim como os demais, o preconceito linguístico é um preconceito socialmente construído, que parte da atitude individual de uma pessoa, mas que contribui, gradativamente, para o desdobramento de uma ação conjunta. A discussão acerca desse tema ainda é algo que possui uma certa carência, é comumente presenciado no dia a dia das pessoas, umas cometendo preconceito linguístico com as outras, às vezes, até sem saber que estão agindo de forma preconceituosa, por não terem um conhecimento sobre isso. Assim, há uma contribuição para que esse tipo de preconceito cresça disparadamente, e, até que se expanda do campo de vida real, para o virtual.

Trazendo em consideração os avanços que a sociedade sofre, a exemplo do tecnológico, é perceptível que a língua ainda é doutrinada de acordo com os preceitos impostos pela gramática normativa, da mesma forma que acontecia no Séc. XX, por exemplo. Assim, essa pesquisa tem como intuito esclarecer pontos cruciais que a Sociolinguística discorre a respeito do preconceito linguístico, com finalidade de evidenciar fatores que contribuem para que a Língua portuguesa funcione um sistema complexo.

### **2.1 DEMARCANDO A SOCIOLINGUÍSTICA**

A Sociolinguística é uma ciência autônoma e interdisciplinar, que busca estudar a língua em seu real funcionamento, nas diversas comunidades de fala e leva em consideração, sobretudo, os aspectos linguísticos e sociais concentrados, especialmente, na variação linguística. Além disso, ela é uma subárea da Linguística, que funciona como uma espécie de fronteira entre língua e sociedade, estudando a língua relacionada ao social.

Nesse contexto, Alkmin (2001, p.21) argumenta “língua e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”. Assim, não podemos e não devemos desvincular a língua do social, uma vez que a realidade que o indivíduo se enquadra na sociedade, impacta diretamente no seu contexto linguístico.

Nesse sentido, é oportuno destacar que é, somente, em meados do século XX, que a Sociolinguística ganhou maior visibilidade nos estudos de natureza linguística e social, mas desde dos anos de 1960, já haviam linguistas que produziam trabalhos com base em teorias que, de alguma forma, voltavam seu objeto de análise para a língua como uma construção

social. É o exemplo de Michael Bakhtin e dos membros do Círculo Linguístico de Praga<sup>1</sup> que, juntos, criticam a perspectiva linguística abstrata e defendem a língua na interação verbal, historicamente contextualizada. Assim,

Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante – pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida. (Bortoni-Ricardo, 2014, p.11)

Percebemos que a língua é pensada como uma construção social, porém, em contraposição a essa ideia, podemos destacar a Linguística Estruturalista (teorias linguísticas, nas quais, a linguagem é concebida como um sistema independente e autorregulado, sendo os elementos linguísticos, definidos de acordo com o tipo de relacionamento que possuem com os demais elementos), tal teoria contava com a contribuição de duas premissas básicas, o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística, nas quais serviram para evidenciar a emergência da Sociolinguística como campo interdisciplinar. Para Bortoni-Ricardo (2014, p.12) “o relativismo cultural adota uma postura nas ciências sociais, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras”.

Esse pensamento se adequa, também, quando nos referimos à língua, o que ajuda na desconstrução do preconceito linguístico, já que é algo que tenta quebrar com as diferenças de linguagem, sobretudo, em relação a ideia de que as variações linguísticas minoritárias são inferiores aos da norma culta. Especificadamente, foi no início do século XX, com estudo como o do linguista francês Meillet (1866-1936) e dos linguistas russos Marr (1865-1934) e Bakhtin (1895-1975), que começou o desenvolvimento da Sociolinguística.

Nesse contexto, é possível tratar a Sociolinguística, que teve como um de seus maiores expoentes Willian Labov (1927), como uma reação ao Estruturalismo, que é uma teoria da Linguística moderna, que procura entender a língua como um conjunto estruturado, em que as relações definem os termos, liderada por Ferdinand de Saussure (1857-1913), que postulou algumas dicotomias que são de importância para a linguística, nomeadas de *langue e parole*, que podem ser traduzidas para língua e fala. A *langue* é considerada social e *parole* é entendida como um ato individual, de vontade própria, é heterogênea, manifestação concreta

---

<sup>1</sup> O Círculo Linguístico de Praga ou "Escola de Praga" foi um grupo de críticos literários e linguistas estabelecidos na cidade de Praga. Seus membros desenvolveram métodos de estudos semióticos e de análise estruturalista entre os anos 1928 e 1939.

da langue. E o Gerativismo, que foi uma oposição ao estruturalismo, defendido por Noam Chomsky (1928), segundo o qual a língua é concebida como um sistema de princípios universais e vista como o conhecimento inato que o falante tem de sua língua.

Por isso, o que interessa ao gerativista é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais, assim apresenta uma divergência da Sociolinguística, que se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras. Para Silva (2013, p. 16) “de Saussure a Chomsky o que se tem, então, é um compromisso teórico com a homogeneização da língua”. Assim, não existe uma reflexão mais desenvolvida sobre a língua em movimento nos diversos espaços sociais.

Sabendo do interesse da Sociolinguística em relação a língua, é notório que a mesma se preocupa e busca aproximar a sociedade da linguagem, ao investigar o aspecto humano e a organização social do comportamento linguístico. Quando consideramos a diversidade de etnias presentes no Brasil, os diferentes aprendizados sobre uma mesma língua em lugares com características regionais diferentes e que, ao mesmo tempo, são ligados pela semelhança na linguagem oficial, torna-se necessário um estudo minucioso acerca do preconceito linguístico, que caminha em paralelo com a norma culta padrão do Brasil, por isso, fazemos essa discussão no próximo subtópico de nosso estudo.

## 2.2 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A palavra *preconceito* é um termo que designa uma atitude prévia, de caráter negativo, a respeito de algo ou alguém, sem que antes tenhamos tido qualquer contato direto, por isso, é uma ação individual, mas que reflete na sociedade e no contexto cultural que estamos inserimos. Assim como uma pessoa pode sofrer preconceito por ser preta, mulher, homossexual, nordestina, também, pode sofrer preconceito pelo modo de falar.

Dessa forma, o preconceito linguístico, segundo Bagno (1999), é todo e qualquer juízo de valor negativo de reprovação, de repulsa ou mesmo desrespeito, às variedades linguísticas, consideradas por grupos majoritários, como inferiores na sociedade. Nessa linha de pensamento, o autor afirma que “o preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única Língua Portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários” (Bagno, 1999, p. 40). Qualquer outra variação que fuja dessa norma, é considerada como “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente” (Bagno, 1999, p. 40).

Nesse contexto, é importante mencionar que o Brasil foi colonizado por Portugal a partir de 1500, começando um longo e severo período de imposição de padrões culturais, o que acarretou, também, na estrutura da língua. O povo brasileiro, desde muito antes, sofre com imposição de estruturas linguísticas e também com o preconceito, por não conseguirem seguir as normas linguísticas impostas pelos portugueses, o colonizador, que é regido por uma série de preceitos gramaticais, o que influi no desenvolvimento de um complexo de inferioridade, a que o dramaturgo, Nelson Rodrigues, batizou de “complexo de vira-lata”.

A partir desse entendimento, a professora Rita do Carmo Polli da Silva (2013, p. 42) afirma que: “procuramos deixar claro que uma língua é um conjunto de variedades e que nenhuma delas é melhor ou pior que a outra”. Então, isso de dizer que “brasileiro não sabe falar português” ou que “só em Portugal que se fala bem o Português”, é um grande mito transmitido, infelizmente, por anos.

Essa ideia de pensar que só os “portugueses” falam certo, está atrelada a um verdadeiro mito, pois para isso, a língua falada por eles, precisaria ser uma unidade que não possuísse variação, dialeto, mudanças estruturais ou sociais, algo que sabemos que não acontece na realidade, já que, assim com toda língua, o português é uma língua viva. Fiorin (2009, p.164) menciona que “os usos linguísticos podem ser o espaço da pertença, mas também da exclusão, da separação e até da eliminação do outro. Por isso, a língua não é um instrumento neutro de comunicação, mas é atravessada pela política, pelo poder, pelos poderes”. Então, fica claro que o português europeu não é, e nunca foi, uma língua homogênea e uniforme, tendo vista que a mesma também possui suas próprias adequações.

Nessa mesma linha de pensamento, Bagno (1999, p.44) cita como exemplo os pronomes de construção *a/o*, que estão praticamente extintos do nosso vocabulário, por isso, não é comum vermos nossas crianças falarem “*eu o vi*” ou “*eu a conheço*”, isso porque elas não veem os adultos, mesmo aqueles letrados, usarem esses pronomes em seu ato de comunicação. Por outro lado, em Portugal, é algo comumente utilizado, de modo que podemos notar uma *diferença de uso* e diferença não é sinônimo de deficiência, mas de utilização e contexto linguístico.

Apesar da existência de uma luta diária contra diversos tipos de preconceito, que têm como vítimas, diversas minorias sociais, infelizmente, não existem ainda políticas de combate que proteja os falantes do Português brasileiro, deixando cair no esquecimento um ato preconceituoso muito praticado aqui no Brasil: *o preconceito linguístico*, como nomeou Bagno (1999). Ao observamos, temos a percepção de que é possível identificar a implementação de diversas instituições oficiais, com finalidade de combate ao racismo

(Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, criada em 2003); ao sexismo (como a Secretária Especial de Políticas para as Mulheres, criada em 2002), dentre outras que possuem o mesmo objetivo, mas não existe nada parecido que assegure os direitos *linguísticos* dos falantes de línguas minoritárias, que defenda e valorize essa pluralidade linguística no Brasil. Sobretudo, desde 1996, sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), circula a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, Declaração essa que parece não funcionar aqui no Brasil, visto que na mesma época que foi fundada, o presidente Fernando Henrique Cardoso visitava Portugal e ofendia os brasileiros com seu discurso infeliz e desastroso, acusando-os de serem todos “caipiras”, e dois anos depois (1998) *Dad Squarisi* publicava em uma coluna de jornal chamada “Dicas de Português”, um texto chamado “**PORTUGUÊS OU CAIPIRÊS?**” que ofendia explicitamente os falantes do Português brasileiro, como podemos ver abaixo:

#### “Português ou Caipirês?”

Fiat lux. E a luz se fez. Clareou este mundão cheinho de jecas-tatus. À direita, à esquerda, à frente, atrás, só se vê uma paisagem. Caipiras, caipiras e mais caipiras. Alguns deslumbrados, outros desconfiados. Um — só um — iluminado. Pobre peixinho fora d'água! Tão longe da Europa, mas tão perto de paulistas, cariocas, baianos e maranhenses.

Antes tarde do que nunca. A definição do caráter tupiniquim lançou luz sobre um quebra-cabeça que atormenta este país capiau desde o século passado. Que língua falamos? A resposta veio das terras lusitanas.

Falamos o caipirês. Sem nenhum compromisso com a gramática portuguesa. Vale tudo: eu era, tu era, nós era, eles era. Por isso não fazemos concordância em frases como “Não se ataca as causas” ou “Vende-se carros”.

Na língua de Camões, o verbo está enquadrado na lei da concordância. Sujeito no plural? O verbo vai atrás. Sem choro nem vela. Os sujeitos causas e carros estão no plural. O verbo, vaquinha de presépio, deveria acompanhá-los. Mas se faz de morto. O matuto, ingênuo, passa batido. Sabe por quê?

O sujeito pode ser ativo ou passivo. Ativo, pratica a ação expressa pelo verbo: Os caipiras (sujeito) desconhecem (ação) [pg. 95] o outro lado. Passivo, sofre a ação: O outro lado (sujeito) é desconhecido (ação) pelos caipiras. Reparou? O sujeito — o outro lado — não pratica a ação.

Há duas formas de construir a voz passiva:

a. com o verbo ser (passiva analítica): A cultura caipira é estudada por ensaístas. Os carros são vendidos pela concessionária. b. com o pronome se (passiva sintética): estuda-se a cultura caipira. Vendem-se carros. No caso, não aparece o agente. Mas o sujeito está lá. Passivo, mas firme.

Dica: use o truque dos tabaréus cuidadosos: troque a passiva sintética pela analítica. E faça a concordância com o sujeito. Vende-se casas ou vendem-se casas? Casas são vendidas (logo: Vendem-se casas). Não se ataca ou não se atacam as causas? As causas não são atacadas (não se atacam as causas). Fez-se ou fizeram-se a luz? A luz foi feita (fez-se a luz). Firmou-se ou firmaram-se acordos? Acordos foram firmados (firmaram-se acordos).

Na dúvida, não bobeie. Recorra ao truque. Só assim você chega lá e ganha o passaporte para o mundo. Adeus, Caipirolândia.

Destacamos que quando o leitor se depara com esse texto, ele rapidamente consegue detectar a presença de expressões que deixam explícitos o comportamento preconceituoso da autora que, além de cometer o preconceito linguístico, consegue, em poucos parágrafos, atingir outras minorias sociais. No próprio título, já podemos ver uma clara manifestação desse preconceito, quando a mesma se refere a variação da língua como “caiprês”, sem contar com as demais palavras que aparecem ao longo da escrita como, por exemplo, “jecas-tatus”. Assim, fica evidente a postura preconceituosa de uma pessoa que possui conhecimento apenas da norma padrão da língua e que se sente no direito de ridicularizar os falantes das outras modalidades: “Mas já sabemos que o preconceito é fruto da ignorância, e o que Squarisi faz questão de afirmar em seu texto é seu absoluto desconhecimento da complexidade dos fenômenos linguísticos” (Bagno, 1999, p.142). Assim, a ausência de uma política linguística oficial de origem nacional, deixa um espaço vago para ser preenchido e acaba adotando uma:

[...] política linguística difusa, confusa e retrógrada, justamente aquela praticada de modo repressor, persecutório e cientificamente desinformado pelas diversas instâncias da sociedade que [...] se interessam pela questão da(s) língua(s): a pedagogia tradicional, as editoras de revistas e livros, as academias de Letras, os meios de comunicação de massa, poderes executivos e/ou legislativos estaduais e municipais, etc. (Bagno, 1999, p.24).

Por isso, é a ausência de uma política linguística bem desenvolvida, que abre espaço para que haja a continuidade do ensino, com base nos comandos instruídos pela gramática normativa. Além disso, a carência dessa política permite que haja oportunidade para que as pessoas possam mistificar a língua e criar inverdades sobre a mesma, como, por exemplo, proferir que a língua é uma unidade, na qual não possui variação e, por isso, deve seguir à risca um padrão de linguagem. Vejamos bem, quando consideramos a língua “una”, o que realmente acontece:

[...] se nega o caráter multilíngue do nosso país, onde são faladas mais de duzentas línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas de situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falares remanescentes das diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravagista. E, é claro, nega a existência da língua de sinais, a LIBRAS, que é a língua empregada por milhares de surdos país afora.” (Bagno 1999, p. 26 e 27).

Portanto, quem ainda acredita no monolinguísmo, coloca sua crença em algo fictício e sem fundamentos, pois todas as línguas são heterogêneas, já que sofrem variações em diversos aspectos estruturais, seja na morfologia, fonologia, sintaxe, léxico e etc., e em todos

os níveis de uso social, como na variação regional, social, histórica, estética, estilística e outras. Assim, se formos acreditar nessa unidade da língua, conhecida como norma-padrão tradicional, devemos lembrar que, devido às questões sociais, existem milhões de brasileiros que ainda não possuem acesso a essa língua usada, sobretudo, pelas instituições oficiais. Bagno (1999) passa a chamar esses falantes de *sem-língua*, não é que eles não tenham uma língua, todos são falantes do português brasileiro, mas esses fazem uso de variações que, ainda hoje, são discriminadas, estigmatizadas, excluídas, ridicularizadas, desprestigiadas e alvo de chacota por aqueles falantes mais letrados e que tiveram acesso a uma educação de melhor qualidade.

Em uma de suas obras, Bagno (1999) busca explicitar quais são as causas para que haja a existência do preconceito linguístico, e assim, ele consegue listar oito mitos: *Mito nº 1*: O português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente; *Mito nº 2*: Brasileiro não sabe Português/Só em Portugal se fala bem português; *Mito nº 3*: Português é muito difícil; *Mito nº 4*: As pessoas sem instrução falam tudo errado; *Mito nº 5*: O lugar onde melhor se fala português no Brasil, é no Maranhão; *Mito nº 6*: O certo é falar assim porque se escreve assim; *Mito nº 7*: É preciso saber gramática para falar e escrever bem; *Mito nº 8*: O domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social, todos discorrem à respeito da Língua Portuguesa que ganhou o nome de “mitologia do preconceito linguístico”. O autor diz ainda que “muitos brasileiros acreditam que “não sabem português”, que “português é muito difícil” ou que a língua falada aqui é “toda errada” (Bagno, 1999, p. 75). Desta maneira, há o surgimento de um “círculo vicioso do preconceito linguístico” na qual o autor discorre sobre quatro elementos que são de suma importância para a construção do preconceito linguístico, são eles: *a gramática tradicional, ensino tradicional, livros didáticos e os comandos paragramaticais.*

Dentre essas causas, temos ainda, as variações da língua, que acaba sendo uma grande aliada daqueles que querem se sobressair com argumentos fúteis que existe uma maneira “certa” e outra “errada” de falar português, e, também, motivo de dificuldade para aqueles alunos que adentram o ambiente da sala de aula fazendo uso de sua língua materna e se deparam com outra realidade, na qual é utilizada somente a norma culta da língua, quando, na verdade, o papel do docente deveria ser o de ensinar que língua possui suas variações. Nesse contexto, Silva (2013) afirma que os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem que havia (ou há) “excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão” (Brasil, 1998, p. 18).

Como consequência desse preconceito linguístico, vem o desdobramento de graves problemas, tais como a exclusão e falta de participação dos falantes dessa norma não-padrão, em ambientes que deveriam ser ocupados por eles. O preconceito linguístico, nada mais é que algo que menospreza e inferioriza classes minoritárias que fazem uso da variação linguística e, infelizmente, o que vemos é que, ao invés de serem elaborados métodos de combate a esse preconceito, ele tem sido alimentado, cada vez mais, através dos meios de comunicações em massa, à exemplo da *internet*, materiais didáticos e gramáticas normativas que ditam o que é o certo ou não. Assim, qualquer pessoa que possua o mínimo possível de conhecimento linguístico, vai compreender que:

Qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar” (Perini, 1999, p.13).

Não é necessário saber gramática para falar Língua Portuguesa, é possível observar que, mesmo as pessoas que não tiveram acesso a gramática normativa, possuem conhecimento inato sobre sua língua, portanto, o conhecimento do falante sobre sua língua, é inerente a sua própria vivência na sociedade. Precisamos compreender a língua no seu contexto de interação social, como algo “natural e espontâneo”, uma vez que nenhum falante nativo de um idioma, necessita fazer um exagerado esforço para conseguir falar sua própria língua, deixando no passado os velhos hábitos que compactuam para que haja uma expansão do preconceito linguístico.

Tendo em visto a discussão acima, no próximo subtópico, iremos discorrer acerca da fala “não é “certo”, “falar assim”, algo que é ouvido cotidianamente, partindo de pessoas que não possuem conhecimento acerca da variação linguística, que se prendem ao pensamento que devemos falar, exatamente, igual a forma que escrevemos.

### 2.3 NÃO É “CERTO” FALAR ASSIM!

Levando em consideração todos os danos que o preconceito linguístico pode causar ao indivíduo, faz-se necessário pensar em métodos que ajudem na desconstrução do mesmo. No Brasil, temos um número altamente significativo de analfabetos, principalmente, quando tratamos de grupos específicos como, por exemplo, em 2022, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), entre as pessoas pretas ou pardas, com 15 anos ou mais

de idade, 7,4% eram analfabetas, mais que o dobro da taxa encontrada entre as pessoas brancas (3,4%). No grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo dos brancos alcançou 9,3%, enquanto entre pretos ou pardos, ela chegava a 23,3%, “numa lista de 175 países elaborada pelo ONU, o Brasil ocupa 93º lugar no índice de escolarização, ficando atrás até mesmo de países como a Etiópia e a Índia” (Bagno, 1999, p. 106). O autor também alerta sobre a crise existente no ensino de Língua Portuguesa, quando escreve:

Uma coisa não podemos deixar de reconhecer: existe atualmente uma crise no ensino de língua portuguesa. Muitos professores, alertados em debates e conferências ou pela leitura de bons textos científicos, já não recorrem tão exclusivamente à gramática normativa como única fonte de explicação para os fenômenos linguísticos. Por outro lado, sentem falta de outros instrumentos didáticos que possam, senão substituir, ao menos complementar criticamente os compêndios gramaticais tradicionais. Muita gente acredita e defende que é a norma culta que deve constituir o objeto de ensino/aprendizagem em sala de aula. Mas o que é e onde está essa norma culta? (Bagno, 1999, p.106) .

Apesar de ser pregada, por algumas instâncias, como instituições de ensino, e por defensores da gramática, que a maneira correta de usar a língua é através da modalidade da norma-padrão, em nosso cotidiano, não presenciamos as pessoas utilizando-a devido a vários fatores sociais e históricos. Segundo Bagno (1999, p. 13), “a maioria das pessoas plenamente alfabetizadas não cultivam nem desenvolvem suas habilidades linguísticas no nível da norma culta”. Infelizmente, as pessoas colocaram a norma culta da língua em um pódio e o idealizam como única maneira “certa” de falarmos. Podemos dizer que é uma ideologia que se impregnou em nossa sociedade, como consequência daqueles que recusam aceitar os avanços da língua, esses funcionam como uma espécie de defensores da gramática normativa. É devido essa idealização de falar “certo”, que muitos falantes do português brasileiro, sofrem com a discriminação pelo modo que fazem uso da língua, principalmente, aqueles que possuem menos instruções sobre os preceitos gramaticais, devido ao baixo grau de letramento.

Cotidianamente, ouvimos alguns falantes do português brasileiro fazerem a troca da consoante *L* por *R*, por exemplo *brusa*, *chicrete*, *compricado*, *Cráudia*, *pranta*, *broco*, *praca* e por aí segue, e isso é algo que contribui fortemente para que aquelas pessoas que não possuem conhecimento algum sobre a história da língua, pratiquem preconceito linguístico e classifiquem os usuários dessas variações da língua, como “burros” ou pensem que isso seja, até mesmo, um sinal de “atraso mental”. O que essas pessoas não sabem, é que estamos

apenas diante de um simples fenômeno fonético que é algo que contribui para a formação da Língua Portuguesa padrão, Bagno (1999, p.39) discorre que:

Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem *Cráudia, chicrete e pranta*, têm algum “defeito” ou “atraso mental”, seríamos forçados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa estava se formando. E que o grande Luís de Camões também sofria do mesmo mal, já que ele escreveu *ingrês, pubricar, pranta, frauta, frecha* na obra que é considerada até hoje o maior monumento literário do português clássico, o poema *Os Lusíadas*. E isso, é “craro”, seria no mínimo absurdo (Bagno, 1999, p.39)

Além disso, esses falantes dessa variedade linguística são pessoas que pertencem a uma classe social de menor prestígio e, por isso, marginalizados socialmente, que não possuíram acesso a uma educação digna e de qualidade, diferente dos demais falantes da norma culta da língua. Então, podemos considerar que isso é algo que está diretamente ligada a questões sociais e que o mesmo preconceito que sofrem com a língua, também recai sobre elas mesmas. Nesse caso, podemos dizer que o preconceito linguístico é decorrente de um preconceito social.

Outra coisa que é ouvimos com frequência, são pessoas idosas trocando o *V* por *B* e transformando palavras como *vassouras, varrer* em *bassouras, barrer*, e isso se justifica através da evolução da língua. Toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também, muda com o tempo. Bagno (1999, p.23) afirma que “a língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui em trezentos ou quatrocentos anos!”. Isso explica muitas coisas que ouvimos, por isso, ao invés de considerarmos que o falante está falando “errado”, devemos analisar e entender os aspectos por trás da fala, entendendo, acima de tudo, que não existe “certo” ou “errado” quando nos referimos a língua oral, mas compreender que a mesma é heterogênea e pode vir acompanhada de uma série de diferenças como fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas e, sobretudo, no uso.

Para que possamos romper o círculo vicioso do preconceito linguístico, precisamos reavaliar o que consideramos *erro*. Algumas pessoas ainda confundem a língua geral com a escrita, principalmente, com a ortografia oficial. Essa confusão enraíza um pensamento arcaico que rotula como “erro de português” um mero desvio de ortografia oficial. Ainda hoje, é possível encontrar livros didáticos que abordem exercícios voltados para essa questão do “certo” e “errado, assim, estamos admitindo, implicitamente, que os falantes ao nosso redor, falam de maneira incorreta, o que pode parecer algo bobo, mas é um problema sério, já

que é cientificamente comprovado que não existe erro de português. Bagno (1999, p.176) pondera que “todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a *gramaticalidade ou agramaticalidade* de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua”. Assim, não precisamos ficar nos contendo aos manuais que ditam o que é certo ou errado, ninguém erra ao andar ou respirar, assim como ninguém erra ao falar sua própria língua materna

só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando no computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira, erra-se ao escrever, porque a língua é um aprendizado secundário” (Bagno, 1999, p.177).

É praticamente inexistente a possibilidade de ouvirmos um falante nativo de um idioma falar de maneira incorreta, o que podemos presenciar, é que língua se adequa ao contexto social que o indivíduo se insere. Entretanto, podemos até falar que existe “erro de português”, mas é algo que não vamos ouvir nenhum falante nativo da língua cometê-los, vejamos o quadro abaixo com alguns enunciados “errados”. Segundo Bagno (1999, p.178):

QUADRO 01: Exemplos de enunciados “errados”

EXEMPLOS DE ENUNCIADOS ERRADOS SEGUNDO BAGNO	
1	Aquela garoto me xingou
2	Eu nos vimos ontem na escola
3	Julia chegou semana que vem
4	Não duvido que ele não queira vir aqui
5	Que o livro que a moça que Luis que trabalha comigo me apresentou escreveu é bom não nego.

FONTE: Bagno (2015).

O quadro nos apresenta exemplos claros de falta de concordância nas frases citadas. Claramente, não ouvimos os falantes nativos de nossa língua fazerem uso da mesma dessa forma. Quando analisamos essas exemplificações, podemos observar que esses enunciados são

*agramaticais*, isto é, por não respeitarem as regras de funcionamento da nossa língua, não aparecem jamais na fala espontânea e natural de falantes nativos do português brasileiro, mesmo que sejam crianças pequenas que ainda não frequentem a escola ou adultos totalmente iletrados (Bagno, 1999, p. 178).

Assim o que podemos notar é uma confusão, quando nos referimos à escrita, entre “erro de português” e a *ortografia oficial* da língua portuguesa. O que Bagno (2015) discorre é que, ao invés de ser algo considerado errado, poderia ser substituído pedagogicamente por uma tentativa de acerto. Nesse sentido:

Afinal, a língua escrita é uma tentativa de *analisar* a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da escrita no momento de grafar sua mensagem de acordo com o seu perfil sociolinguístico. Uma pessoa com poucos anos de escolarização, pouco habituada à prática da leitura e da escrita, tendo como quadro de referência apenas uma suposta equivalência unívoca entre som e letra, fará uma análise dotada de reduzido instrumental teórico, empregando como ferramenta básica a *analogia*. (Bagno, 1999, p. 179).

É muito importante observar que esses erros de ortografia se detêm ao mesmo padrão previsível: a troca de J por G, como na palavra *gegue*, ao invés de *jegue*, CH por X, como em *xiclete*, *xinelo*, invés de *chiclete*, *chinelo* e assim por diante. É possível perceber, justamente por serem casos que é necessário fazer uma relação entre fala-escrita, que ultrapassa os limites teóricos da suposta equivalência som-letra.

Já quando nos referimos a língua falada, podemos observar que o que algumas pessoas rotulam como “errado”, é na verdade toda e qualquer variação linguística que venha se diferenciar dos prescritos da gramática tradicional, uma vez que se apresenta como codificação da “língua culta”, “embora na verdade seja a codificação de um padrão idealizado, que não coincide com nenhuma verdadeira variedade urbana de prestígio” (Bagno, 1999, p. 180).

Desse modo, tudo aquilo que parece ser errado diante a gramática normativa tradicionalista, tem uma explicação lógica, científica, perfeitamente demonstrável. Podemos considerar a gramática tradicional como uma doutrina sólida e compacta na qual toda e qualquer palavra ou variação que não se encontra dentro dela, é considerada errada, simplesmente não existe.

Podemos atribuir, portanto, uma parcela de culpa desse estigma existente, a maneira como é realizada o ensino de Língua Portuguesa nas escolas do Brasil, uma vez que é no decorrer na Educação básica, que os discentes possuem um contato maior e direto com as regras da Língua. Partindo disso, surge a necessidade de abrir uma discussão no próximo tópico, para analisarmos e refletirmos como esse ensino poderia funcionar de forma mais significativa.

## 2.4 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

O ensino de Língua portuguesa se encaminha através de duas vertentes distintas, uma com o foco voltado para a doutrina gramatical tradicional, surgida no séc. V, a.c; e a linguística moderna, que se firmou como ciência no século XIX e início do XX. Nesse contexto, é muito comum ouvirmos professores de outras áreas do conhecimento, mencionarem, no decorrer de suas aulas, a maneira como aconteceu a evolução da sociedade, ciência e tecnologia e como tais modificações influenciaram o ser humano a abandonar velhos hábitos, crenças e superstições, porém não conseguimos, ainda, notar essas mudanças nas aulas de língua. Assim,

Os termos e conceitos da Gramática Tradicional – estabelecidos há mais de 2300 anos! – continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração para outra, como se desde aquela época remota não tivesse acontecido nada na ciência da linguagem. O ensino tradicional opera assim uma imobilização do tempo, um apagamento das condições sociais e históricas que permitiram o surgimento e a permanência da Gramática Tradicional (Bagno, 1999, p. 237).

Esse acontecimento se explica através da ideia de que a Gramática tradicional deixou de ser uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e transformou-se em mais uma forma de dominação de uma maior parcela da sociedade sobre os demais. Além disso, a mesma é cultuada como se fosse uma entidade sacrossanta, já que seus valores permanecem imutáveis, pois

[...] a “Língua” foi elevada a essa categoria abstrata, devendo, portanto, ser “preservada” em sua “pureza”, “defendida” dos ataques dos “barbarismos”, “conservada” como um “patrimônio” que não pode sofrer “ruína” e “corrupção” (Bagno, 1999, p. 238).

Nessa perspectiva, a língua, diferente do que pensamos, não é definida como toda manifestação escrita e/ou falada de qualquer ser humano ou falante nativo do idioma. Assim,

A Língua”, com artigo definido e inicial maiúscula, é somente aquele ideal de pureza e virtude, falado e escrito, é claro, somente pelos “puros” e “virtuosos”, que estão no topo da pirâmide social e que, por isso, merecem exercer seu domínio sobre as demais camadas da população. A língua deixou de ser fato concreto para se transformar em valor abstrato (Bagno, 2015, p. 238).

Deste modo, a linguística moderna surge como ciência, buscando devolver a língua ao seu lugar, de fato, social, deixando no passado as noções impostas pela gramática normativa,

que lhe atribuía um valor ideológico. Embora muitas escolas já venham adotando essa nova prática pedagógica, de tratar a língua como fato social, alguns profissionais e instituições, ainda se prendem a uma perspectiva reducionista do ensino de Língua Portuguesa, em que o principal foco, é o trabalho com a palavra descontextualizada.

Diferente do que os defensores da gramática tradicional proclamam, um aspecto importante que não devemos esquecer, é o ato de compreender que a língua possui variações que são influenciadas por diversos fatores, como contextos históricos, geográficos, socioeconômicos e regionais. Consequente, decorrente a essa variedade da língua, a mesma palavra pode sofrer diferentes mudanças de pronúncias e significados de um grupo social para outro. Como consequência da não compreensão dessas variações linguísticas por parte do educador, no âmbito escolar, uma das maiores dificuldades que os alunos possuem é a de adequar-se e compreender a norma culta da língua, relacionado a esse fato Bagno (1999) discorre que:

[...] o dilema relativo à norma culta se prende ao fato de que esse termo é usado pela tradição gramatical conservadora para designar uma modalidade de língua que [...] não corresponde à língua efetivamente usada pelas pessoas cultas do Brasil nos dias de hoje, mas sim a um ideal linguístico inspirado no português de Portugal, nas opções estilísticas dos grandes escritores do passado, nas regras sintáticas que mais se aproximem dos modelos da gramática latina, ou simplesmente no gosto pessoal do gramático [p.108] – para Napoleão Mendes Almeida, por exemplo, o “certo” é dizer eu odio e não EU ODEIO...” (Bagno,1999).

Porém, apesar dessa dificuldade ser algo visivelmente identificada em uma sala de aula, muitos profissionais de ensino ainda se mantêm com a visão voltada para o ensino da gramática isolada, fazendo somente o uso da norma culta padrão da língua, por acreditarem que essa é a única funcionalidade da mesma, o que contribui diretamente para que um grande número de alunos, que pertencem a quadros socioeconômicos diferentes dos falantes dessa norma e têm acesso somente (quando tem) a uma educação de baixa qualidade, permaneçam à margem de um padrão linguístico, quase impossível de ser alcançado pelos mesmos.

Partindo desse ponto, vêm o desdobramento de uma série de barreiras na comunicação entre a relação aluno-professor, além disso, ainda por pertencerem a um grupo social minoritário, que adequa essa língua através dos dialetos, gírias, sotaques e outros aspectos, alguns discentes se sentem oprimidos e amedrontados, quando o docente pede para os mesmos interagirem de forma oral durante a aula, pois acreditam não saberem fazer o uso correto da língua.

Devido a essa concepção de ensino, o aluno acaba se frustrando e acreditando que é linguisticamente inferior e incapaz de aprender e dominar sua própria língua. Esse sentimento de inferiorização, por sua vez, acaba não afetando somente o aluno na aula de português, mas em todas as disciplinas em que o aluno exerça a atividade de leitura. Além de prejudicá-lo em seu âmbito escolar, esse desprazer acaba afetando sua vida social e também fazendo-o acreditar que é inapto até mesmo para ter voz para valer seus direitos.

Foi com o olhar voltado para esse ensino ultrapassado, que a autora Irlandé Antunes (2003), sentiu a necessidade de reorientar essas práticas de ensino em seu livro *Aula de Português*, visando adequá-las para atender as reais necessidades de um ensino significativo/qualitativo/positivo de Língua Portuguesa, em que mostra formas diversificadas de tornar as atividades pedagógicas de ensino mais proveitosas e compatíveis com os conceitos de língua e linguagem que evoluem com o passar dos anos, deixando para trás o ensino voltado para o uso da gramática isolada e passando a ver o texto como principal objeto de estudo.

Uma reflexão minuciosa sobre como esse ensino de português é abordado em sala de aula, nos revela uma prática retrógrada e fora do contexto social dos educandos, o que acaba dificultando, ainda mais, o aprendizado do aluno. Um exemplo disso, são algumas constatações negativas que ainda é possível analisar, em quatro campos: o da oralidade, da escrita, da leitura e o da gramática. Sabendo dessas falhas, para que haja um quadro de mudanças positivas em relação a esses campos, é importante muito mais que apenas querer e seguir um manual de instruções, faz-se necessário que haja empenho da parte de todos.

Pensando nesse ensino defectível, Antunes (2003) busca estratégias que possibilitem que o interlocutor, sendo o professor, possa contribuir com essas práticas pedagógicas. Neste livro, a autora não entrega um manual de instruções finalizado com todas as regras que um docente precisa saber para ministrar uma aula com excelência, pois ela enxerga o educador como elemento fundamental para o desenvolvimento dessas práticas de ensino da língua portuguesa. Se mantendo nessa linha de raciocínio, Irlandé trata o seu público alvo como professores inconformados e inquietos, que buscam novos meios para transformar o ensino de português de forma significativamente positiva, deixando no passado, a decodificação de signos e nomenclaturas, que só contribuem para que a crença no mito “brasileiro não sabe português” intensifique-se.

No próximo capítulo, iremos apresentar a análise dos dados recolhidos nas páginas do *Instagram* “Choquei” e “Foquei”, que trazem um conteúdo na qual apresenta comentários de cunho preconceituoso.

### 3 ERRADO É O SEU PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Como já mencionado, essa pesquisa analisa a forma como alguns usuários da rede social *Instagram*, reagem, ao se depararem com o uso da variação linguística. Para que o desenvolvimento dessa análise fosse realizado, tivemos como base, *prints* de duas páginas de fofocas chamadas “Choquei” e “Foquei”, pertencentes a rede social já citada, que mostram comentários feitos pelos usuários à respeito da forma com que a ex-participante Larissa Espindola dos Santos (figura 01), de um *reality show* realizado aqui no Brasil, pela emissora Glob, nomeado de Big Brother Brasil (BBB), faz uso da Língua Portuguesa.

FIGURA 01: Ex-participante do BBB, Larissa Santos



FONTE: METROPOLITANA FM

É do entendimento de todos que cada pessoa fala a língua de acordo com uma série de fatores, como os aspectos sociais, históricos, culturais, regionais, dentre outros. Assim, fazemos uma breve apresentação da EX-BBB, para que possamos entender o contexto no qual ela se insere. Larissa Espindola dos Santos, é natural de Sombrio (SC), mas depois de adulta, se mudou para a cidade de Criciúma (SC), pois tinha o sonho de sair do interior para morar em uma cidade maior. A jovem ficou famosa, após fazer parte de uma modalidade do programa de televisão BBB, ela, nesse contexto da pesquisa, tem 25 anos, e antes de fazer parte do *reality*, atuava como professora de Educação física, em uma escola. Além de ser *personal trainer*, agora a mesma trabalha como Influenciadora digital.

Durante o período que a professora fazia sua participação no *reality*, algo que chamou bastante a atenção dos outros participantes, foi a maneira como a mesma falava, em que, algumas vezes, tinham traços que caracterizam a variação linguística, e isso não foi algo bem visto pelos outros participantes do programa que, logo de início, se incomodaram e

começaram a corrigir, sempre que a mesma falava algo que fugia da norma-padrão da língua. Excertos desses diálogos, transmitidos pelo BBB, que apresentavam o ato de correção das falas da professora, tomaram maiores proporções e ganharam destaques em páginas da rede social *Instagram*, que logo se tornou viral na *internet*, como podemos ver nos prints abaixo:

FIGURA 02: Prints do diálogo entre “Cara de Sapato” e Larissa Santos



FONTE: @FOFOQUEI

FIGURA 03: Print da página Choquei



FONTE: @CHOQUEI

FIGURA 04: Diálogo entre Fred e Larissa Santos



FONTE: @CHOQUEI

Podemos ver, claramente, o preconceito linguístico estampado nessas imagens. É possível compreender que há uma falta de entendimento por parte dos demais participantes acerca da variação da língua, que permite que o usuário atribua características próprias do seu contexto a sua linguagem.

Como já sabemos, Larissa Santos é do interior, e algo comumente falado nesses locais, são palavras e termos como “truce”, “menas”, “as casa”, “firmadeira”, “a gente vamos”, “fez mal para eu”, e ademais, que são exemplos de comunicação que fogem do que é estabelecido pela norma culta da língua, porém não implica proferir que não é certo falar de tal modo.

Nesse mesmo contexto, podemos refletir sobre um outro exemplo, o da, também EX-BBB, Juliette, que durante sua participação no *reality*, também foi alvo de críticas que pertenciam a atitudes de natureza preconceituosa. Esse foi, injustamente, um dos motivos pela qual ela foi menosprezada pelos outros *Brothers* (como são chamados os participantes do *reality*), dentro da casa, onde se passava o programa de televisão. Ao sair como vencedora, a mesma foi convidada para fazer uma participação em um filme, com a condição de que ela

precisaria amenizar o seu sotaque nordestino ou deixá-lo neutro. Perante essa situação, a EX-BBB resolveu se pronunciar em sua rede social *Twitter*

FIGURA 05: Pronúncia de Juliette no *Twitter*



FONTE: TWITTER

Mediante esses fatos, é explícito o quanto o preconceito linguístico é um assunto que emerge por atenção, mas é tratado com descaso e considerado irrelevante. Como se não causasse consequências e danos reais às pessoas que sofrem diariamente com esse tipo de atitude, o que sabemos que não é algo verídico, muito pelo contrário, no próprio *reality*, em uma das cenas do programa, é claramente exposto como Larissa se sentiu ofendida diante das atitudes preconceituosas, realizadas pelos outros participantes contra ela, como podemos assistir no vídeo abaixo, clicando no link<sup>2</sup>.

Conseguimos visualizar na própria legenda do vídeo, publicado por um portal de notícias chamado Portal Ig, na rede social *Tik tok*, um pensamento influenciado pela gramática normativa, quando descreve: “ao ter erro de Português corrigido”. Como podemos ver, não é algo que existe na língua do falante que tem como primeiro idioma o Português. Além disso, durante a situação delicada, vivenciada pela *brother*, podemos ouvir, no decorrer do vídeo, ela falando “menas pessoas” e sendo corrigida, de imediato, por outro participante, o que a causou constrangimento.

Decorrente a isso, é algo comum ouvirmos pessoas que sofrem com esse tipo de preconceito, dizerem frases como, “Português é muito difícil”, “Eu não sei/gosto de Português”. Esses pensamentos se fundamentam em ideias preconceituosas, que alimentam a ideologia de que, saber Português, é obedecer e fazer uso de todas as regras estabelecidas pela

<sup>2</sup> [mailto:- https://www.tiktok.com/@portal\\_ig/video/7194829340566113541](mailto:- https://www.tiktok.com/@portal_ig/video/7194829340566113541)

gramática normativa. Outra característica que podemos pontuar, voltada para essa ação, é o fato de como uma ação preconceituosa, realizada de forma individual, pode desencadear uma ação em massa, que é justamente o que ocorreu no *Instagram*, como fica bem claro nos prints:

FIGURA 06: Comentários de usuários

<
**Comentários**
▽

---



**gabriellacantoraveg** 5h

Eu gosto que me corrijam quando falo alguma coisa de forma errada. Eu vejo como aprendizado!

492 curtidas   Responder   Ver tradução

— Ver mais 26 respostas





**danielacristinaramossilva** 5h

O que é truce perto de todes 😂

1.141 curtidas   Responder   Ver tradução

— Ver mais 118 respostas





**samyabordallo** 5h

Truce dói muito no meu coração. Eu não tenho coragem de corrigir, mas quando você gosta da pessoa é até melhor do que ela continuar passando vergonha

1.673 curtidas   Responder   Ver tradução

— Ver mais 12 respostas





**lar\_delas** 6h

Agora parei 😂😂😂😂 não vou conseguir opinar!

Engasgada com café de tanto que ri 😂😂😂😂😂😂

4.135 curtidas   Responder   Ver tradução

— Ver mais 38 respostas





**hscaafe** 5h



FONTE: @CHOQUEI

FIGURA 07: Comentários de usuários II

**< Comentários >**

---

estimação que atire a primeira "preda"  
 🤔🤔  
 4.897 curtidas Responder Ver tradução  
 — Ver mais 132 respostas

 \_\_diaz.\_\_ 6h  
 Eu falo do jeito que eu sabo e ninguém me correge.  
 3.784 curtidas Responder Ver tradução  
 — Ver mais 141 respostas

 nathaliajuarez 6h  
 Ela fala "seje" também 😏  
 2.092 curtidas Responder Ver tradução  
 — Ver mais 85 respostas

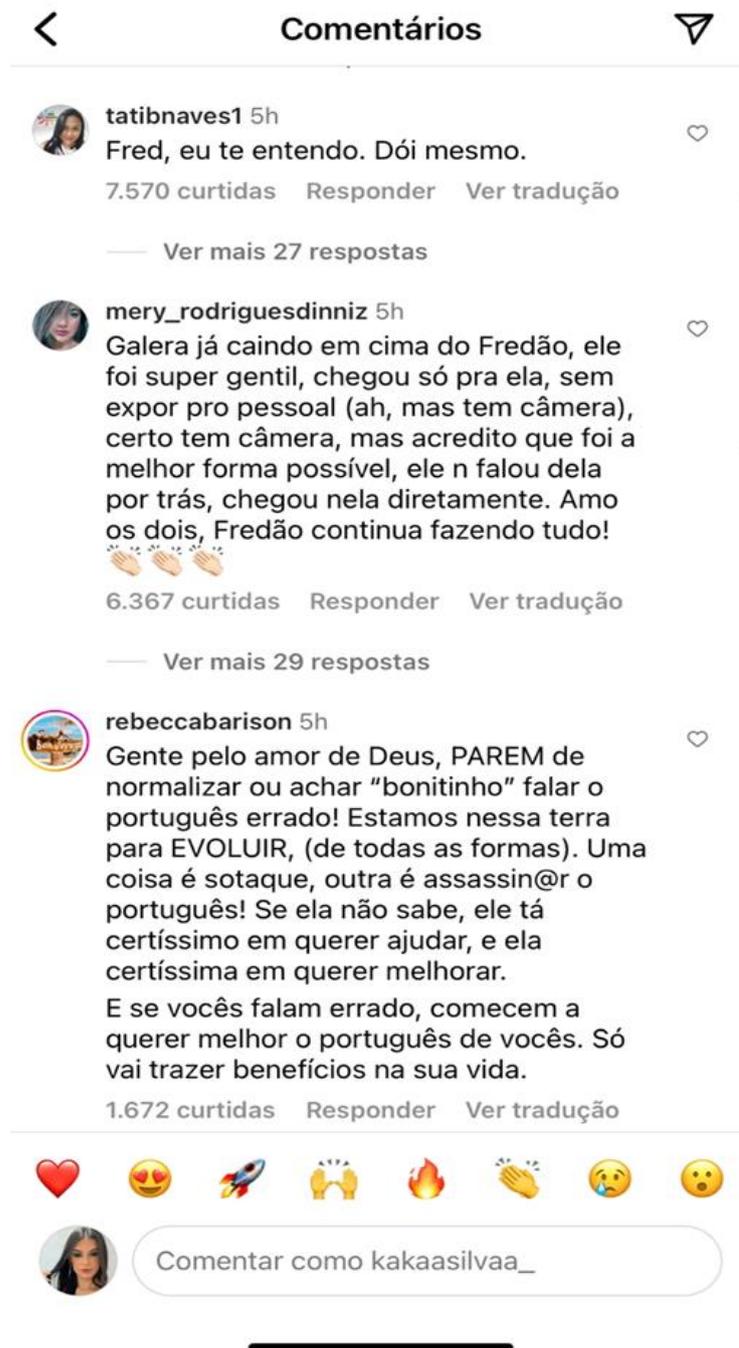
 sgioliveira 5h  
 Achei legal poxa, ele não zoou ela.  
 952 curtidas Responder Ver tradução  
 — Ver mais 3 respostas

 brunocasemiro\_ 6h  
 A intenção dele foi boa e ele escolheu a melhor maneira de dar um toque, mas não deixou de ficar constrangedor. Larissa pode falar de qualquer forma que continua sendo nossa Winner por enquanto 🙄  
 7.546 curtidas Responder Ver tradução

---

FONTE: @CHOQUEI

FIGURA 08: Comentários de usuários



FONTE: @CHOQUEI

Ao analisarmos essas imagens, notamos a forte presença do preconceito linguístico impregnado nesses comentários, pois eles mostram o posicionamento de alguns usuários acerca da variação linguística que a professora faz uso durante o programa. Podemos observar que, a partir de uma ação individual, abriu-se espaço para que um conjunto de pessoas pudessem compactuar com a mesma ideia preconceituosa apresentada no *post*. Logo

inicialmente, a própria legenda da postagem, SOCORRO! (com emoji de risada) , apresenta caráter sarcástico por parte do dono, ou administrador da página “Choquei”.

Depois disso, podemos destacar comentários com as seguintes frases: “(...) eu não tenho coragem de corrigir, mas quando você gosta da pessoa é até melhor do que ela continuar passando vergonha”; “Engasgada com café de tanto que ri”; “Gente pelo amor de Deus, PAREM de normalizar ou achar “bonitinho” falar o Português errado. (...) uma coisa é sotaque, outra é assassinar o português”. O que podemos ver, de acordo com Bagno (1999), são frases que possuem um forte caráter perjurativo e preconceituoso.

Nessas situações, nos deparamos com pessoas que, possivelmente, aprenderam que só existe um modo de falar “correto”, que são ignorantes perante a variação da língua, e pensam que todos os indivíduos devem falar de acordo com a norma-culta padrão. Ora, pensamos bem, como uma pessoa nascida em uma cidade do interior do Nordeste, de classe média baixa, pouco escolarizada, por exemplo, irá falar da mesma forma que outra que nasceu na em São Paulo, pertencente a classe economicamente alta da sociedade, com estudo de nível superior? É praticamente impossível. São pensamentos como os dos usuários dos *prints* em análise, que tornam possível a existência e proliferação da mitologia do preconceito linguístico, como nomeou Bagno (1999). No entanto, o que deveria acontecer, seria a implementação de uma política nacional que assegurasse os direitos dos falantes que sofrem com esse tipo de preconceito.

Outro ponto crucial que os usuários colocam em pauta, ao julgarem a maneira como Larissa Santos fala, é o fato da mesma ser licenciada em Educação Física, ou seja, possui estudo de nível superior, sendo uma professora. De acordo com a percepção dos mesmos, um professor não pode e não deve, em hipótese alguma, falar algo que vá contra as regras gramaticais da língua portuguesa, regras essas que, recapitulando, foram elaboradas de acordo com o Português falado em Portugal e não aqui no Brasil. Como podemos ver nos *prints* expostos abaixo, quando a professora faz o uso da variação linguística, a ela são atribuídos adjetivos como “analfabeta”, “burra”, e ao ensino superior como “fracassado”:

FIGURA 09: Comentários dos usuários III

btgghyiss 2h  
A famosa BURR4 Ao invés de estudar ficou malhando  
19 curtidas Responder Ver tradução  
— Ver mais 12 respostas

daiene\_lopess 1h  
Uai não é professora? 🤔🤔  
13 curtidas Responder Ver tradução  
— Ver mais 6 respostas

Comentar como kakaasilvaa\_

FONTE: @CHOQUEI

FIGURA 10: Comentários dos usuários IV

herlanysamara 1h  
A key não errou quando disse que ela não sabia o alfabeto  
620 curtidas Responder Ver tradução

FONTE: @CHOQUEI

FIGURA 11: Comentários dos usuários V

arinebraatz 1h  
Tá aí o fracasso do ensino superior 😞  
professora de educação física n saber como escreve handebol? 🙄🙄🙄 ela ensina o que mesmo? Adoro ela mas tem coisas que n da pra passar pano 😞  
209 curtidas Responder Ver tradução  
— Ver mais 42 respostas

izabellanevees 1h  
Se a key ver isso vai ficar falando até sair do programa que a menina eh analfabeta  
949 curtidas Responder Ver tradução  
— Ver mais 20 respostas

cristinachiozzini 1h  
De verdade..ela tem ensino superior???  
Pq é cada erro crasso de português.  
202 curtidas Responder Ver tradução

FONTE: @CHOQUEI

Precisamos entender que, por mais alto que seja o nível de escolaridade de um brasileiro, dificilmente, vamos ouvi-lo falar cem por cento, de acordo com a norma-padrão. Um exemplo disso é que, raramente, ouvimos algum falante dizendo “eu qui-lo”, ao invés de “eu quis”. Em 1961, o ex-presidente Janio Quadro, ao ser questionado sobre o motivo de sua renúncia, em uma entrevista, respondeu: “Fi-lo- porque qui-lo”. Essa curta frase, com valor semântico simples, teve a capacidade de se tornar um marco memorável até os dias atuais, isso porque a pessoa que estava fazendo a entrevista, não conseguiu compreender o que o ex-presidente quis dizer com a tal frase.

Disso tudo, percebemos que não importa qual o nível de escolaridade do falante, ele sempre está sujeito a se deparar com uma regra gramatical, palavra ou termo desconhecido, isso ocorre porque a língua portuguesa é muito ampla e possui inúmeras regras, tanto na forma padrão quanto em suas variações. Por isso, compreendemos que a língua é um instrumento de comunicação, sempre viva e em constante transformação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é considerada um sistema composto de maneira complexa e dinâmica. Para compreendê-la, é necessário que haja uma flexibilização da parte do usuário, que tem o pensamento centrado na norma-culta padrão, passando a respeitar suas variantes e transformações, facilitando o processo de comunicação entre aqueles que a utilizam, que são falantes pertencentes a diversos grupos sociais, regiões e faixas etárias.

Devemos levar em consideração que as coisas estão em constantes mudanças e, assim como tudo que é vivo, a língua não é uma exceção. A tecnologia está cada vez mais avançada, temos novas formas de comunicações entre as pessoas, como as redes sociais, com isso, o mundo também sofre avanços, e a língua precisa se multar para acompanhar esse processo.

Nesse sentido, precisamos refletir, ainda, como as regras que norteiam a língua no universo real, se permeiam nesse novo espaço de comunicação. É importante que abandonemos velhos hábitos que estão enraizados em nossa sociedade, de pensar que o brasileiro não sabe falar Português, brasileiro assassina o Português. Precisamos extinguir a crença nesses mitos, e passar a entender que esses pensamentos servem apenas para alimentar ideias de natureza preconceituosa.

Dentro desse pensamento, o preconceito linguístico é um verdadeiro desafio que emerge por mais atenção, e precisa ser discutido de forma contínua, não somente na graduação do curso de Letras Língua Portuguesa, mas também no ensino, na Educação básica e ao longo da vida do indivíduo na sociedade.

Apesar de sua relevância significativa, frequentemente, esse assunto passa despercebido por muitos, e é tratado como algo normal, que não oferece risco algum para quem o sofre, além de ser praticado diariamente por muitas pessoas que, assim como expostos nos comentários das imagens aqui analisadas, pensam que estão cometendo atos de carinho, e evitando que outra pessoa passe por situações constrangedoras, causadas por estarem falando o Português de forma incorreta. Assim, torna-se indispensável o estudo que a Sociolinguística vem desenvolvendo ao longo dos anos, de modo que é visível a necessidade de aplicar essas teorias na prática, com intuito de compreendermos melhor o nosso sistema linguístico.

Desse modo, observamos no decorrer da pesquisa, que existem diversos fatores que contribuem para o crescimento do preconceito linguístico, tanto no mundo real, quanto no virtual. Assim como também conseguimos expor a necessidade da implementação de uma política pública, que abranja essa causa de maneira devida, protegendo e garantindo o direito dessas minorias sociais, que fazem o uso da variação linguística.

Em consideração aos questionamentos estabelecidos na introdução da pesquisa, conseguimos analisar e expor, de forma objetiva e sucinta, de qual forma acontece o preconceito linguístico e a discriminação pela linguagem no meio midiático “*Instagram*”, além de refletirmos sobre o ensino de Língua Portuguesa, elencando pontos que precisam passar por um processo de melhorias, para atender às necessidades da língua.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística- parte I. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São. Paulo: edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 215 p.
- BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna: Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- Biografia. **Na telinha, 2005**. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/larissa-santos>. Acesso em 12, de Outubro, 2023
- COIMBRA, Sandra. **Língua Portuguesa e Linguística**. Pós Linguística, 2011. Disponível em: <https://poslingualinguistica2011portela.webnode.com.br/aspectos-teoricos-da-linguistica/principais-aspectos-do-gerativismo/#:~:text=O%20Gerativismo%20defende%20que%20a,capaz%20de%20criar%20senten%C3%A7as%20in%C3%A9ditas>. Acesso em: 22, de Agosto, 2023.
- FIORIN, José Luiz. Língua, discurso e política. **Alea**, v. 11, n. ja/ju 2009, p. 148-165, 2009. Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-106x2009000100012>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - **ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: Intersaberes, Série Língua Portuguesa em foco 2013.
- PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1999.